

RELAÇÕES ENTRE TUTORIA DE RESILIÊNCIA E O DESENVOLVIMENTO DAS CRENÇAS DE AUTOEFICÁCIA: ALGUMAS REFLEXÕES

Thiago Viana Costa¹

Universidade Federal de Pernambuco, e-mail: thiagoviana_89@hotmail.com

Resumo: Este trabalho é fruto das discussões realizadas na disciplina de Formação Humana e Inteligência Emocional do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, da Universidade Federal de Pernambuco/Centro Acadêmico do Agreste (PPGECM – UFPE/CAA). Objetivamos discutir algumas possíveis interrelações entre três conceitos da Psicologia – a Resiliência, a Tutoria de Resiliência e as Crenças de Autoeficácia – e suas contribuições para a prática educativa. Os conceitos de Resiliência e Tutoria de Resiliência são próximos, sendo o primeiro referente à capacidade do ser humano de recupera-se ou lidar com eventos difíceis, estressores, problemáticos; já o segundo conceito se refere à potencialidade de desenvolver a resiliência de outro indivíduo. Ambos conceitos foram construídos por diversos teóricos ao longo dos séculos, tendo um maior desenvolvimento de trabalhos nesta perspectiva, dentro da Psicologia, a partir da década e 50 do século XX. Por sua vez, o conceito de Crenças de Autoeficácia provém da Teoria Social Cognitiva proposta por Albert Bandura na década de 80 do século XX. As Crenças de Autoeficácia são as crenças que as pessoas possuem em suas capacidades de realizar determinada atividade com sucesso. Entendemos que estes três constructos teóricos da Psicologia possuem interrelações, especialmente sobre como o professor pode tentar desenvolvê-las em sala de aula com seus alunos. O docente pode desenvolver as Crenças de Autoeficácia de seus alunos promovendo as quatro fontes das crenças de autoeficácia que são as experiências de êxito, experiências vicárias, incentivos verbais e cuidando dos estados emocionais dos estudantes. De forma semelhante, o professor pode exercer o papel de Tutor de Resiliência na medida em que forneça auxílio, apoio, acolhimento e compreendendo os estados emocionais dos estudantes, podendo prepará-los para lidar com as contingências escolares e da vida. Ao realizarmos uma ponte entre as teorias e o que os pesquisadores de cada área propõem, acreditamos que um docente que compreenda as variáveis psicológicas de seus alunos, sejam elas motivacionais ou emocionais, pode utilizá-las na escola buscando contribuir positivamente com a qualidade de suas aulas e com uma consequente melhoria na aprendizagem de seus alunos.

Palavras-chave: Crenças de Autoeficácia, Resiliência, Tutoria de Resiliência.

1 – INTRODUÇÃO

Este trabalho² foi desenvolvido como parte das discussões da disciplina Formação Humana e Inteligência Emocional, presente no Mestrado em Educação em Ciências e Matemática, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Objetivamos, de uma maneira geral, desenvolver algumas reflexões sobre as possíveis relações entre tutoria de resiliência e as posturas que os

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática – PPGECM, Graduado em Licenciatura em Matemática, pela Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste – UFPE-CAA, e Especialista em Ensino de Matemática no Ensino Médio, pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE.

² O artigo foi produzido com orientação da Profa. Dra. Ana Lúcia Leal. Doutora em Educação/UFPE – Professora Adjunta Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pernambuco / Centro Acadêmico do Agreste (PPGECM – UFPE / CAA).

professores podem ter em sua prática docente para desenvolver as crenças de autoeficácia de seus estudantes.

Acreditamos que a maneira como um professor desenvolve sua prática pedagógica pode ter implicações positivas em seu relacionamento com os estudantes e, por conseguinte, no aprendizado dos mesmos. Muitas pesquisas em Educação têm utilizado conhecimentos da Psicologia buscando revelar quais aspectos da prática docente podem estimular e desenvolver, da melhor maneira possível, a aprendizagem dos estudantes. Neste sentido, se têm analisado as contribuições da tutoria de resiliência ou do desenvolvimento das crenças de autoeficácia.

A resiliência, de uma maneira geral, pode ser entendida como a capacidade de uma pessoa, após uma situação crítica, de crise, ou vivenciada sob fatores estressores, pode se recuperar dela da maneira mais eficaz possível (CHAVES, 2011). Estudos sobre resiliência e educação muitas vezes enfatizam a importância de tornar os professores capazes de mobilizar conhecimentos, atitudes e comportamentos que possam lhes ajudar a lidar com as demandas, muitas vezes conflituosas, da prática docente. O propósito comumente gira em torno das pessoas responderem de maneira mais eficaz os diversos desafios por elas vividos, tanto os profissionais, quanto em qualquer âmbito de suas vidas.

Por sua vez, a tutoria de resiliência pode ser entendida como um processo complexo que envolve o acolhimento das pessoas, o desenvolvimento de relações humanas ricas que valorizem o indivíduo, que em maior ou menor medida pode ser desenvolvida em sala de aula.

Por fim, as crenças de autoeficácia de um indivíduo estão relacionadas aquilo que a pessoa acredita ser capaz de realizar. De acordo com a literatura, as crenças de autoeficácia podem influenciar na forma como as pessoas tomam suas decisões, afetando não apenas um domínio específico, mas até mesmo as decisões profissionais (SOUZA, 2006). No contexto educacional, muitos resultados têm revelado que o professor pode potencializar o desenvolvimento das crenças de autoeficácia de seus estudantes, a sua motivação, de acordo com as estratégias didáticas utilizadas em sala de aula (COSTA, 2015).

2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Consideramos importante para compreensão de nosso trabalho definirmos corretamente os conceitos de resiliência, tutoria de resiliência e crenças de autoeficácia, para finalmente tecermos

nossas considerações sobre esses constructos teóricos da Psicologia. Sendo assim, definiremos a seguir os termos citados, além de pontuar o que trazem algumas pesquisas educacionais envolvendo estas temáticas.

2.1 – RESILIÊNCIA

O termo resiliência tem sido muito utilizado na Física e Engenharia, ao se referir a materiais que, sob determinada pressão, são capazes de retornarem ao seu estado original, recuperando suas características iniciais. Na Psicologia, este termo mantém alguns paralelos, sempre relacionados à capacidade das pessoas se recuperarem, após passarem por experiências ou situações difíceis, estressoras. É importante citar que por ser usada para compreender fenômenos humanos, o conceito de resiliência na Psicologia tem características próprias, sendo incomparável com o conceito proveniente da Física (YUNES; SZYMANSKI, 2001).

Alguns autores consideram a resiliência humana como um traço de personalidade, algo individual, próprio de sua personalidade e, para esses autores, existiriam pessoas resilientes e não-resilientes. Por outro lado, também existem autores que consideram resiliência como um processo. Nesta segunda concepção, considera-se que a resiliência individual se desenvolve levando em consideração aspectos internos e externos do sujeito, acrescentando a importância do ambiente social e cultural para o seu desenvolvimento. Ou seja, os autores que encaram a resiliência como um processo, também consideram que o traço é algo que de fato existe, porém não se limitam a esta variável e acrescentam que a resiliência pode também ser desenvolvida como um processo, onde toda complexidade do ambiente terá sua influência na maneira como o sujeito interpreta e age frente às adversidades da vida (YUNES; SZYMANSKI, 2001; CHAVES, 2011).

O desenvolvimento da resiliência humana perpassa por alguns fatores importantes, como os mecanismos de risco e de proteção. Os mecanismos de riscos estão relacionados com eventos negativos que podem aumentar as chances de o sujeito desenvolver problemas de uma forma geral, em sua vida. Por exemplo, podem se caracterizar como fatores de risco a pobreza, uma doença, problemas familiares, entre outros (CHAVES, 2011).

Por sua vez, os mecanismos de proteção são agentes que podem contribuir para o desenvolvimento saudável do indivíduo, geralmente mantendo o sujeito em uma zona de proteção e tendo uma finalidade positiva na sua subjetividade. O apoio familiar, a estrutura econômica, o ambiente social, as crenças individuais, cada um desses aspectos pode se desenvolver como um

mecanismo de proteção para a pessoa, sendo diferente sua influência na vida de cada sujeito (YUNES; SZYMANSKI, 2001; CHAVES, 2011).

Estes mecanismos, tanto os de risco como os de proteção, são entendidos como flutuantes, pois ao longo da vida de cada indivíduo terão diferentes efeitos, causando diferentes repercussões. Algum mecanismo que se apresentar como fator de risco para alguém, pode não ter o mesmo efeito para outro. Ou um fator de proteção pode ter influência de formas diferentes ao longo da vida de cada indivíduo. Além disso, um fator de proteção pode não ser suficiente diante de um evento estressor. Também é importante sabermos que a influência de tais mecanismos varia para cada pessoa (YUNES; SZYMANSKI, 2001; CHAVES, 2011).

Na área da Psicologia essa temática tem chamado a atenção de pesquisadores, principalmente a partir da década de 50 do século passado e, desde então, tem crescido o número de pesquisas em torno desse constructo psicológico, incluindo pesquisas no âmbito educacional, sendo algumas delas relacionadas com a tutoria de resiliência.

2.2 – TUTORIA DE RESILIÊNCIA

Um dos pressupostos dessa ideia é que a resiliência humana pode ser aprimorada, potencializada e que pode ser desenvolvida durante qualquer período da vida. Pessoas que apoiam e acolhem, especialmente a família, podem favorecer o desenvolvimento da resiliência, atuando, assim, como tutores de resiliência (CYRULNIK, 2005, CHAVES, 2011).

Nesse sentido, o papel do professor pode ganhar um componente a mais em sua prática, ao buscar auxiliar e fortalecer as suas relações com seus alunos em sala de aula, sempre dando atenção à multidimensionalidade dos mesmos. No presente artigo, nos debruçaremos, mais especificamente, à dimensão emocional.

Para Cyrulnik (2005), o docente pode influenciar o desenvolvimento emocional dos estudantes quando nos afirma que

É espantoso constatar o quanto os professores subestimam o efeito da sua pessoa e superestimam a transmissão de seus conhecimentos. Muitas crianças, mas muitas mesmo, explicam em psicoterapia o quanto um professor modificou a trajetória de suas existências por uma simples atitude ou por uma frase, anódina para um adulto, mas perturbadora para a criança (p. 70).

Sabendo disso, os professores podem exercer em alguma medida a tutoria de resiliência, na proporção que tenham atitudes de acolhimento com seus alunos, que respeitem o desenvolvimento

intelectual e emocional dos estudantes, e que tenham uma postura intencional de ser um modelo positivo para os alunos. Devemos prepará-los para lidarem com situações estressoras, criando um ambiente de confiança, com relações humanas saudáveis e estimulantes, sempre respeitando a autoestima e a segurança que os alunos devem sentir em si mesmos e na relação com o docente.

2.3 – CRENÇAS DE AUTOEFICÁCIA

O constructo psicológico denominado crenças de autoeficácia pertence à Teoria Social Cognitiva, que foi desenvolvida pelo psicólogo canadense Albert Bandura. A Teoria Social Cognitiva é uma teoria da Psicologia que busca explicar como se desenvolve e ocorrem as mudanças no comportamento humano.

As crenças de autoeficácia do indivíduo referem-se às crenças que o sujeito possui em suas capacidades de organizar e executar cursos de ação requeridos para produzir certas realizações (BANDURA, 1997).

Pessoas que possuem crenças de autoeficácia positivas em determinado domínio terão maiores chances de se envolver com maior determinação para resolver as situações daquele domínio. Podemos exemplificar esta ideia ao pensarmos na situação de dois estudantes, que mesmo possuindo capacidades cognitivas semelhantes, se no caso de um possuir crenças de autoeficácia em relação à Matemática mais fortes do que as crenças do outro estudante, este, que tem crenças robustas, provavelmente apresentará um comportamento mais persistente, e buscará soluções alternativas, se esforçando mais para resolver a situação dada. O estudante com crenças mais baixas de autoeficácia em relação à Matemática poderá desenvolver uma postura de evitamento e desistir mais facilmente de buscar soluções diante de problemas.

Dentro desse contexto, Bandura (2000) nos esclarece que

a eficácia percebida ocupa um papel central na estrutura causal porque ela afeta o comportamento, não diretamente, mas pelo impacto que ela tem em outros determinantes, tais como metas e aspirações, expectativa de resultado, tendências afetivas, percepção dos impedimentos socioestruturais e estruturas de oportunidades. As crenças de eficácia influenciam se as pessoas pensam errática ou estrategicamente, de forma otimista ou pessimista; quais cursos de ação elas escolhem para perseguir; as metas que estabelecem para si próprias e seus compromissos com as mesmas; quanto esforço elas colocam; os resultados que elas esperam que seus esforços produzam; quanto tempo elas persistem em face de obstáculos e experiências de fracasso; suas resiliências para a adversidade; quanto stress e depressão elas experienciam no enfrentamento desgastante das demandas ambientais; e as conquistas que realizam (p. 2).

As crenças de autoeficácia são desenvolvidas através de quatro fontes: as experiências de êxito, as experiências vicárias, as persuasões verbais e os estados fisiológicos (BANDURA, 1997). Por serem centrais para o entendimento das crenças de autoeficácia, explicaremos estas fontes uma a uma.

As *experiências de êxito* são consideradas fontes de autoeficácia. Na medida em que o indivíduo realiza com sucesso determinada ação, em um domínio específico, é reforçado cognitivamente que ele será capaz de resolver outras situações similares dentro daquele contexto.

As *experiências vicárias* são tomadas ao nos compararmos com pessoas que consideramos semelhantes a nós, e na medida em que observamos que elas são ou não capazes de realizar determinada atividade, podemos tomar esta informação para avaliarmos nossas chances de realizar a mesma atividade.

A *persuasão verbal* pode ser entendida como incentivos que o sujeito recebe de algum indivíduo de sua estima, podendo influenciar, incentivar, incrementar em suas crenças nas próprias capacidades de realizar uma atividade de um domínio específico.

Os *estados fisiológicos* podem influenciar positivamente ou negativamente nossos sistemas de crenças. Quando um sujeito se sente confiante, saudável, ele pode tomar nesses estados fisiológicos uma informação de que será capaz de realizar determinada atividade. Em contrapartida, ao sentir-se ansioso, sob uma situação estressora, tais estados fisiológicos podem passar uma informação negativa, afetando suas crenças de autoeficácia.

Na educação, conhecer quais são as fontes que desenvolvem as crenças de autoeficácia pode contribuir para a forma como os professores desenvolvam suas aulas, seus exercícios, suas relações com os estudantes, suas falas e discursos, e qualquer manifestação educativa que realize em ambiente escolar. Agir considerando as fontes de autoeficácia é levar em consideração fatores que podem contribuir com a motivação dos alunos.

Ainda sobre a importância de desenvolver as crenças de autoeficácia, Azzi e Polidoro (2006), afirmam que

a autoeficácia afeta as escolhas que fazemos, os esforços que despendemos nas atividades, o grau de persistência que mostramos em face das dificuldades e como nos sentimos ao realizá-la (p. 15).

Para Costa (2015), as estratégias metodológicas, procedimentais e atitudinais que os professores adotarem em suas práticas docentes poderão ter um impacto positivo para a participação

ativa dos estudantes em suas aulas. A maneira de desenvolver uma relação positiva, com diálogos e atenta aos estados fisiológicos de seus alunos, pode influenciar positivamente na motivação dos mesmos.

2.4 – TUTORIA DE RESILIÊNCIA E CRENÇAS DE AUTOEFICÁCIA

Na educação brasileira, as práticas educativas ainda têm um grande enfoque na dimensão cognitiva dos estudantes, geralmente comprometida quase que exclusivamente apenas ao aprendizado de conteúdos, muitas vezes não levando em consideração aspectos emocionais, motivacionais ou afetivos, que também têm grande importância no processo de aprendizagem.

O desenvolvimento das crenças de autoeficácia e da resiliência se dá ao longo da vida de cada indivíduo. Podemos considerar que são características que podem ser modificadas gradualmente, não sendo constructos psicológicos estáticos, imutáveis. Tendo estas ideias como fundamento, muitas pesquisas na área da Educação são desenvolvidas no intuito de entender como a realidade escolar pode contribuir positivamente para a formação humana do aluno.

O desenvolvimento das crenças de autoeficácia em sala de aula não é imediato ou automático, mas pode ser trabalhado na medida em que os professores constroem atividades de maneira gradual, fortalecendo as crenças dos estudantes em suas capacidades, através de *experiências de êxito*. Ou em atividades em grupo, possibilitando chances de *experiências vicárias*. A postura do professor também tem seu grau de importância, no momento em que ele é capaz de amenizar situações em que os *estados fisiológicos* de seus alunos se apresentem de modo negativo, sugerindo, por exemplo, a existência de estados de ansiedade, estresse e depressão. Do mesmo modo, a relevância da postura do professor se dá quando fornece incentivos, as chamadas *persuasões verbais*, motivando seus alunos.

A tutoria de resiliência em sala de aula, entendida como o auxílio, apoio e acolhimento dos estudantes, pode atuar de maneira benéfica na vida escolar e social dos alunos. O professor, cuja atenção também esteja focada nos estados emocionais de seus estudantes, pode ter um papel importante na prevenção, ou diminuição, do agravamento de problemas que existam na vida desses alunos.

Mesmo considerando as dificuldades inerentes da profissão docente, acreditamos que o educador ao estabelecer suas relações com os estudantes em sala de aula pode exercer uma influência positiva na vida de tais jovens.

Muitas vezes os alunos possuem uma realidade de vida complexa, com diversos fatores estressores que perpassam os muros da escola. Porém, acreditamos que o professor pode sim, dentro de suas limitações, exercer um papel de educador mais completo, ao levar em consideração, no ambiente escolar, o estudante de uma maneira integral, pensando o aluno em toda sua completude e potencialidades em devir.

3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da discussão desenvolvida, podemos perceber que existem relações entre a ideia de tutoria de resiliência e o desenvolvimento de crenças de autoeficácia dos estudantes. Essas relações poderiam ser melhor exploradas em variadas pesquisas científicas no campo educacional. O crescimento e envolvimento destes referenciais teóricos podem gerar conhecimentos positivos para a educação, tanto enfocando os docentes, quanto os alunos.

Acreditamos que o conhecimento destes aportes da Psicologia e o entendimento de suas relações, podem potencializar a ação pedagógica de docentes, possivelmente melhorando a qualidade de suas aulas e do aprendizado de seus estudantes. Ter conhecimento da importância destes referenciais teóricos na formação do profissional da educação pode influenciar o tipo de prática pedagógica a ser desenvolvida, especialmente na forma de enxergar o ser humano em sua integralidade.

4 – REFERÊNCIAS

AZZI, Roberta Gurgel; POLYDORO, Soely Aparecida Jorge. Auto-eficácia Proposta por Albert Bandura: algumas discussões. In: AZZI, Roberta Gurgel; POLYDORO, Soely Aparecida Jorge (Org.). **Auto-eficácia em diferentes contextos**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006. p. 9-23.

BANDURA, Albert. **Self-efficacy: the exercise of control**. New York: W.H. Freeman, 1997.

_____. Cultivate self-efficacy for personal and organizational effectiveness. In: LOCK, E. A. (Ed.), **Handbook of principles of organization behavior**. Oxford, UK: Blackwell, 2000. p. 120-136.

CHAVES, Ana Lúcia Galvão Leal. **Resiliência e formação humana em professores: em busca da integralidade**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

COSTA, Thiago Viana. **Estratégias motivacionais no ensino de matemática sob a perspectiva de Albert Bandura: um estudo sobre como dois professores de matemática do ensino médio desenvolveram as crenças de autoeficácia de seus alunos**. (Monografia). Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

CYRULNIK, Boris. **O murmúrio dos fantasmas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SOUZA, Liliane Ferreira Neves Inglez de. Crenças de Auto-eficácia Matemática. In: AZZI, Roberta Gurgel; POLYDORO, Soely Aparecida Jorge (Org.). **Auto-eficácia em diferentes contextos**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006. p. 111-126.

YUNES, M. A. M.; SZYMANSKI, H. Resiliência: Noção, conceitos afins e considerações críticas. In: TAVARES, J. (Org.). **Resiliência e Educação**. São Paulo: Cortez, 2001.